

CM - 8.10.50

## O FRANCÊS E O TURISTA

1222

15.10.65

Hubem Braga

Jacques de Lacretelle dá conselhos aos estrangeiros (seu artigo parece dedicado mais especialmente aos saxões) sobre a maneira de tratar, ou «modo de usar» os franceses.

Confessa que o francês está sempre pronto a criticar a maneira de proceder de um estrangeiro. «O comportamento de um inglês à mesa é para ele como uma censura muda, mas continua, e ele prefere dizer que o inglês é afetado, e zombar dele. A disciplina do suíço e do belga, a maneira séria das raças germânicas, ele as julga tolas ou pesadas. E quando vê um grupo de americanos rindo alto reclama contra a falta de educação».

Aconselha o estrangeiro a endereçar um sorriso a esse observador impertinente. Elogiar sempre a cozinha francesa, embora então a gente se arrisque a ouvir esta pergunta: «como é que você conhece tão bem o que é estrangeiro?» O melhor então é inventar uma vó na Borgonha ou na Gasconha. «Tudo se explica — dirá então alguém. Ele tem sangue francês». E é possível que algum desastrado comente «como ele deve se aborrecer em seu país natal!»

Fala das muitas decepções que um estrangeiro pode ter na França. Ele não deve assustar-se, falando de literatura estrangeira, se o francês pensa que o primeiro romance escrito em língua inglesa foi «E o vento levou...»

E depois de muita autocritica diz Lacretelle: «Mas agora, escute isto. Não se sabe como, mas o fato é este: esse povo rabujento, egoísta, avaro, presunçoso, criou para os estrangeiros condições de vida incomparáveis. Será o clima, ou a paisagem, o cheiro da boa cozinha? Sim, sem dúvida, mas há algo mais. Sopra ali um espírito de independência que não se respira em nenhuma outra parte. Você o sente desde que pisa a França. Na cidadezinha mais velhota e sem vida existe esse sópro. Foi ele que formou a raça, desenhou a fachada das casas, e pôe em movimento a juventude. A pequena devota que vai à reza é livre, e livre é esse garoto malvado que joga pedra nos passarinhos. Livre também aquele casal que, em pleno meio dia, se beija em um banco diante do guarda. Mesmo os poetas comunistas cantam a liberdade. É mais forte do que eles. É isso o que atrai em França».

Nota — Minha crônica de ontem saiu truncada. Um esclarecimento: a Luciola a que me refiro é a do romance de José de Alencar, a quem pertencem as frases entre aspas.

DN - 15.10.65

72